

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO – ESAT  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

**CAMILA CASTRO DE SOUZA**

**CULTURA HIP HOP E ESPAÇO ESCOLAR: RESSIGNIFICANDO A  
AUTOPERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES ESTIGMATIZADOS(AS) PELO  
BULLYING EM UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL**

**Manaus – AM**

**2024**

**CAMILA CASTRO DE SOUZA**

**CULTURA HIP HOP E ESPAÇO ESCOLAR: RESSIGNIFICANDO A  
AUTOPERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES ESTIGMATIZADOS(AS) PELO  
BULLYING EM UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito para a  
obtenção do grau de Licenciatura em  
Dança, do curso de Dança da  
Universidade do Estado do Amazonas  
(UEA)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Vilma Maria Gomes Peixoto Mourão

Manaus – AM

2024

**CAMILA CASTRO DE SOUZA**

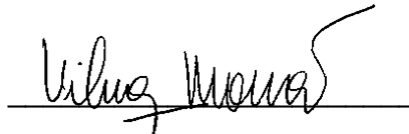
**CULTURA HIP HOP E ESPAÇO ESCOLAR: RESSIGNIFICANDO A  
AUTOPERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES ESTIGMATIZADOS (AS) PELO  
BULLYING EM UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL**

Este trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequadamente para obtenção de Grau de Licenciatura pelo curso de Dança, da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas e Aprovado, em sua forma final pela Comissão Examinadora.

Manaus, 21 de fevereiro de 2024

Nota: 9,7

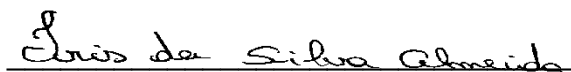
banca examinadora:



**Prof. Dr. Vilma Maria Gomes Peixoto Mourão**  
Orientador (UEA)



**Prof. Dr<sup>a</sup>. Érika da Silva Ramos**  
Membro da banca (UEA)



**Profa. Ma. Iris da Silva Almeida**  
Membro da banca (membro externo)

À minha Mãe Carlene, por sempre acreditar no meu potencial.

Ao meu Pai Saraiva, pelo apoio moral e financeiro

A minha irmã Samyla, pelas constantes palavras de conforto.

## AGRADECIMENTO

Quero agradecer primeiramente a Deus por me dar discernimento do conhecimento que tenho ao longo da minha vida acadêmica e pessoal e aos meus Pais pelo apoio, incentivo, companheirismo, pela força que me deram durante esse percurso acadêmico e em toda a minha vida, como filha sou muito grata.

Quero agradecer também aos amigos Nathalia Iasmin, Gabriel da Silva, Emmily Castilho, que estiveram comigo nesta jornada acadêmica, nós não desistimos e seguimos nos apoiando uns aos outros.

Minha orientadora a prof. Dr<sup>a</sup>. Vilma Mourão, que me acompanhou pontualmente durante 10 meses, me deu toda a ajuda necessária para me preparar para o projeto e a pesquisa.

Aos professores do curso de Dança que graças aos seus ensinamentos, consegui concluir este trabalho.

A todos que participaram das pesquisas, pela colaboração e disposição no processo de obtenção de dados.

Aos meus amigos externos Rodrigo Silva, Sinara Dias, pela ajuda ao longo da minha jornada como dançarina e bailarina, a Andreza Ellen, pela companhia nessa minha trajetória acadêmica e pessoal.

Por fim, quero registrar que esse é um momento muito especial para mim e que eu me sinto orgulhosa por minha perseverança para concluir esta etapa da minha vida, pois sei que terei muitas coisas boas a partir deste grande passo que estou dando.

Obrigada!

A Dança na escola não é a arte do espetáculo,  
É educação através da arte

(Ferrari, 2010)

## RESUMO

A dança na escola tem suas especificidades como área de conhecimento autônomo e trabalha o corpo e o movimento do indivíduo. Esta pode ser utilizada como recurso educacional para melhorar o aprendizado e a participação dos alunos nas atividades escolares e, ainda, como outras artes, possibilitar reflexões inerentes à vida de cada um de nós. O hip hop, por sua vez, como cultura e uma modalidade de Dança, promove a criatividade e a capacidade de observar, perceber e lembrar contribuindo de várias formas para a formação integral do adolescente. Esta pesquisa teve como objetivo analisar a prática de bullying entre adolescentes de uma escola integral e como a Dança e a cultura hip hop podem estimular o fortalecimento do autoconhecimento de alunos(as) que vivenciaram tais situações. Trata-se de uma investigação de caráter qualitativo, descritivo e básico que consistiu na realização de duas entrevistas semiestruturadas e sete oficinas de dança com sete estudantes com idades entre 11 e 12 anos, tendo eles sofrido ou não alguma situação de bullying. A primeira entrevista foi realizada antes dos adolescentes participarem das oficinas de dança e a segunda ao término destas. Os dados coletados foram analisados com base na análise de conteúdo desenvolvida por Bardin e apontam que as situações de bullying são frequentes na escola e que os alunos avaliam as ações pedagógicas para o enfrentamento dessas situações como tímidas, podendo ser tanto intensificadas como melhor estruturadas. Quanto ao desenvolvimento das atividades de arte, especificamente da cultura e da Dança Hip Hop, foi possível observar que há uma boa aceitação e, também, o reconhecimento dos(as) alunos(as) de que estas representam uma boa possibilidade de se trabalhar essas questões no espaço escolar.

**Palavras-chave:** Hip hop; Bullying; Escola; Dança.

## **ABSTRACT**

Dance at school has its specificities as an area of autonomous knowledge and works on the individual's body and movement. This can be used as an educational resource to improve students' learning and participation in school activities and, like other arts, it allows reflections inherent to the lives of each of us. Hip hop, in turn, as a culture and a type of dance, promotes creativity and the ability to observe, perceive and remember, contributing in various ways to the integral education of adolescents. This research aimed to analyze the practice of bullying among teenagers at a comprehensive school and how dance and hip hop culture can stimulate the strengthening of self-knowledge in students who have experienced such situations. This is a qualitative, descriptive and basic investigation that consisted of two semi-structured interviews and in total there were 7 dance workshops with seven students aged between 11 and 12, whether or not they had suffered any bullying. The first interview was carried out before the teenagers participated in the dance workshops and the second at the end of them. The data collected were analyzed based on content analysis developed by Bardin and indicate that bullying situations are frequent at school and that students evaluate pedagogical actions to face cases that occur as shy, which can be both intensified and better structured. Regarding the development of art activities, specifically culture and Hip hop Dance, it was possible to observe that there is a good acceptance and, also, the recognition of the students that they represent a good possibility of working on these issues in the school space.

**Keywords:** Hip hop; Bullying; School; Dance.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Foto do grupo assistindo ao vídeo "bullying na escola"	55
<b>Figura 2</b> – Foto da montagem da coreografia	55
<b>Figura 3</b> – Foto meninos do break	56
<b>Figura 4</b> – Foto parte coreográfica de hip hop	56

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>14</b>
<b>3 PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO</b>	<b>267</b>
3.1 Aspectos epistemológicos	27
3.1.1 Caracterização da pesquisa.....	28
3.1.2 Do ponto de vista da finalidade	28
3.1.3 Quanto aos seus objetivos	28
3.1.4 No que tange aos métodos	28
3.1.5 Quanto ao ambiente	28
3.2 O ambiente da pesquisa e seus participantes	29
3.3 Procedimentos para a coleta de dados	30
3.4 Instrumentos para coleta de dados	33
3.5 Procedimentos para a análise dos dados.....	33
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>33</b>
4.1 Perfil dos participantes	34
4.2 Bullying: práticas e consequências entre os adolescentes pesquisados	35
4.3 Ações da escola para o enfrentamento dessas questões na visão dos adolescentes	36
4.4 O hip hop e seus efeitos nas oficinas.....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>47</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

A escola, em muitos casos, é como uma segunda casa para os adolescentes, um lugar onde eles aprendem, socializam e passam uma boa parte do seu tempo. É, portanto, um local onde os estudantes deveriam se sentir seguros para se desenvolver integralmente já que as famílias depositam toda confiança nos profissionais que lá estão. Entretanto, isso nem sempre acontece e frente ao avanço da violência nas escolas, o bullying cada vez mais se destaca como uma explosão emocional e mudança de comportamento que desrespeita o outro e prejudica o desenvolvimento dos jovens (Martins, 2005).

O bullying está mais evidenciado na atualidade, mas sempre esteve presente na vida dos adolescentes de várias formas, podendo desencadear situações traumáticas na vida dos que sofrem esse tipo de agressão. Assim, algumas pessoas são estigmatizadas<sup>1</sup> e têm sua autoestima comprometida. A autoestima é um construtor muito complexo e corresponde ao quanto um indivíduo está satisfeito com sua autoimagem, sendo responsável por construir e reconstruir a imagem corporal sob a influência de fundamentos fisiológicos, psicológicos e sociais construídos através da socialização contínua e da observação dos corpos dos outros.

Esses são apenas alguns aspectos das consequências do bullying e, segundo Fukamachi (2023), a situação precisa receber atenção pois os casos têm aumentado consideravelmente. De acordo com os dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), 17,5% dos estudantes brasileiros com mais de 12 anos sofrem algum tipo de bullying pelo menos várias vezes ao mês (Caldas, 2017).

O bullying tornou-se um problema no Brasil e no mundo, causando muitas mortes entre os jovens e afetando a população em geral (Rolim 2016). Assim, as escolas devem trabalhar com diversas propostas para ver se este tipo de violência contra crianças e jovens, dentro e fora da escola, pode ser reduzido através da sensibilização de todos os envolvidos.

Nesse sentido, acredita-se que a dança tem a capacidade de aumentar a consciência corporal, capacitar aqueles que a praticam e encoraja o pensamento crítico sobre as normas sociais e culturais. Através da dança, os alunos poderão ter a possibilidade de trabalhar questões ligadas ao corpo, à autoconfiança e à

---

<sup>1</sup> Segundo Goffman (1988), o estigma está presente na relação entre um atributo e um estereótipo, ou seja, entre imagens e rótulos criados e reforçados dentro de normas sociais específicas.

autopercepção adotando estratégias científicas/artísticas a partir da técnica da dança, e aqui enfatizamos a cultura e dança hip hop.

Com base nesses dados e outras reflexões, surgiu o problema desta pesquisa: Como a cultura hip hop, em especial a Dança, pode favorecer um fortalecimento do autoconceito e conseqüentemente uma atenuação dos efeitos ocasionados pelas situações de bullying entre adolescentes de uma escola de tempo integral na cidade de Manaus?

Questão que busca levantar as percepções que os adolescentes têm acerca da dança hip hop como um fortalecimento aos estigmas e quais os benefícios que ela pode oferecer as pessoas estigmatizadas pelo bullying.

Assim, a pesquisa tem como objetivo geral, analisar a prática de bullying entre adolescentes de uma escola integral e como a dança e a cultura hip hop, pode estimular o fortalecimento do autoconhecimento de alunos(as) que vivenciaram tais situações. Para complementar esse objetivo, foi necessário desenvolver alguns objetivos específicos, que foram: Identificar os tipos de bullying praticados entre os/as alunos(as) e as conseqüências ocasionadas por essa prática em adolescentes que vivenciam ou vivenciaram tais práticas; levantar as iniciativas já desenvolvidas na escola para o enfrentamento do bullying junto aos alunos; reconhecer por intermédio de oficinas de hip hop, os recursos dessa cultura e dessa Dança para trabalhar o fortalecimento do autoconceito de alunos(as) que vivenciaram situações de bullying.

O trabalho foi pensado e dividido em três capítulos. O primeiro apresenta o referencial teórico necessário para compreender o tema em questão, assim, o texto aponta primeiramente um breve relato da adolescência como uma fase complexa do desenvolvimento humano, bem como um período de transição e mudança devido aos desafios e problemas que as pessoas enfrentam. Na sequência são abordadas algumas questões sobre os estigmas, a dança hip hop na escola e o bullying, incluindo o conceito, as práticas alternativas e a relevância do debate sobre essa temática na contemporaneidade.

O segundo capítulo apresenta os aspectos metodológicos utilizados na elaboração do estudo para compreensão dos objetivos da pesquisa.

Já o terceiro capítulo apresenta a análise e discussão dos dados da pesquisa, estabelecendo as relações entre cada temática abordada na perspectiva dos entrevistados e dos teóricos pesquisados. A partir dessa análise, os dados coletados foram analisados com base na análise de conteúdo desenvolvida por Bardin e

apontam que as situações de bullying são frequentes na escola e que os alunos avaliam as ações pedagógicas para o enfrentamento dos casos que ocorrem como tímidas, podendo ser tanto intensificadas como melhor estruturadas. Quanto ao desenvolvimento das atividades de arte, especificamente da cultura e da Dança Hip Hop, foi possível observar que há uma boa aceitação e, também, o reconhecimento dos(as) alunos(as) de que estas representam uma boa possibilidade de se trabalhar essas questões no espaço escolar.

Por fim, trazemos as considerações finais, as referências, bem como dispomos os apêndices e anexos do trabalho.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico da presente pesquisa está subdividido em seis tópicos: a adolescência como fase de desenvolvimento; autoimagem e esquema corporal; bullying no contexto escolar; estigmas: características e consequências; dança na escola e, ainda, a cultura e a Dança hip hop na escola.

### **2.1 A adolescência como fase de desenvolvimento**

A adolescência é um período muito complexo na vida de um indivíduo. Nesse período ocorrem diversas mudanças físicas, emocionais, cognitivas e sociais, tornando a compreensão desse momento um desafio para o próprio adolescente, sua família e até mesmo para toda a sociedade.

A complexidade da adolescência também pode ser observada na forma como os(as) adolescentes se relacionam com o mundo ao seu redor. Nessa etapa da vida, está sendo desenvolvido o hábito de conduzir as interações sociais, estabelecer limites e tomar decisões responsáveis. Isso pode ser bastante desafiador, já que muitas vezes eles(a) ainda não possuem as habilidades necessárias para lidar com essas situações adequadamente. É importante que os(as) adolescentes recebam apoio e compreensão durante esse período, para poderem enfrentar as dificuldades e desenvolver habilidades saudáveis de enfrentamento e um senso de identidade positiva.

A adolescência é um período de transição e mudança devido aos desafios e problemas que as pessoas enfrentam, como as pressões sociais, as influências das redes sociais e a necessidade de fazer escolhas éticas e responsáveis. Erikson (1976) destaca que a adolescência é um período de transição em que os jovens lutam para descobrir quem são e quem querem ser, enfrentam desafios e questionam suas crenças. Informações e valores foram definidos. É um momento crucial na vida de uma pessoa, onde ocorrem transformações físicas, emocionais e psicossociais, durante o qual as pessoas estão em busca de identidade e construção de autonomia.

Todas essas mudanças podem gerar algumas dificuldades que alguns teóricos nomeiam de crise da adolescência e surge das possibilidades e das possíveis consequências de enfrentar a desigualdade determinada pela hierarquia de cada

indivíduo, mas também da severidade do exercício do poder de forma informal e pessoal de cada indivíduo. Matheus enfatiza o que há de inevitável nesse processo:

Constata-se, a partir daí, que a crise da adolescência não é a mesma para os vários sujeitos implicados nas distintas realidades sociais da atualidade. Se ela é uma consequência inevitável do processo de subjetivação característico da contemporaneidade, de acordo com o ideário do indivíduo que lhes serve de fundamento, não deixa de sofrer variações de acordo com a tradição cultural de cada organização social em particular (Matheus, 2008, p.619).

A adolescência é uma experiência necessária para ser abraçada pelo mundo adulto e é retratada como uma crise inevitável pela ausência do ritual, que é a própria consciência de conviver com a singularidade de cada indivíduo.

Segundo Davim (2009) o desenvolvimento fisiológico, psicossocial e cultural dos adolescentes é influenciado pela cultura, por subculturas, pelos familiares, e é o fator importante que determina o comportamento do adolescente, a juventude e a pressão dos amigos. Os adolescentes gostam da escola tanto quanto dos seus colegas. Não conseguir entrar em um grupo dificulta sua integração na escola. As reuniões da equipe variam dependendo da natureza da equipe e podem acontecer em escolas, clubes, igrejas e cafés podem ser locais de apoio a estes grupos.

Os adolescentes devem ser vistos como uma produção comunicável para: construções sociais, normas, valores, disciplinas, experiências e sociedades, culturas e grupos. Dependendo das suas circunstâncias, devem também ser consideradas as características das suas vidas e os padrões de igualdade/desigualdade que dificultam a composição destes jovens (Davim, 2009).

Bock (2004) vai nos falar que “O trabalho e a vida em sociedade são duas características da vida humana que vão permitir um salto de qualidade no desenvolvimento humano”. Portanto, queremos enfatizar a ideia de que a partir de agora as capacidades e o comportamento humano não serão mais determinados pelo código genético. Portanto, dizemos que os humanos não são mais governados por leis biológicas, mas por leis sócio-históricas.

Individualmente essa fase, consiste na soma de todas as identidades consecutivas durante os primeiros anos de vida, quando a criança quer ser como as pessoas de quem depende e muitas vezes é forçada a ser. Em resumo, a identidade<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> O conceito de identidade merece algumas considerações. Alguns autores como (Guattari & Rolnik, 1986, pp. 68- 69), consideram que a identidade é um conceito de referência, (...) é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência

é um produto único que hoje enfrenta uma crise “resolvida” apenas em novas identidades com pessoas da mesma idade e personalidades diferentes da família.

## 2.2 Autoimagem e esquema corporal

A adolescência, como vimos anteriormente, é uma fase complexa da vida, marcada por muitas transformações e descobertas, em que os(as) adolescentes procuram integrar-se à sociedade, conhecer-se e reconhecer-se no meio em que vivem. Nessa fase, uma das transformações mais significativas é a perda do corpo infantil e a reestruturação desse corpo e isso pode fazer com que o adolescente sofra na busca por aceitação social, gerando preocupações com sua imagem, imagem corporal que é como ele se representa (Fukamachi, 2023).

Essa autoconstrução reflete as percepções, suposições e imaginações do indivíduo sobre o impacto de sua imagem sobre os outros, julgamentos sobre si e sobre as pessoas e contribui para um tipo de senso de identidade que deriva do processo de socialização. Essa autoconstrução também pode ser nomeada como autoconceito:

O autoconceito pode ser descrito, ainda, como as representações mentais das características pessoais utilizadas pelo indivíduo para a definição de si mesmo e regulação do seu comportamento, sendo denominadas de esquemas cognitivos ou os já referidos autoesquemas (SALDANHA; OLIVEIRA; AZEVEDO, 2011, p.09).

Esse conjunto de autoesquemas, disponível apenas no momento, é chamado de autoconceito funcional, que pode ser influenciado tanto por processos internos quanto pelo contexto externo do qual o indivíduo faz parte. Tal construção desdobra-se na autoestima que é um construtor muito complexo e corresponde ao quanto um indivíduo está satisfeito com sua autoimagem.

As influências socioculturais dos meios de comunicação e dos mercados de consumo, as ligações à indústria corporal, definem padrões ideais de beleza e atuam como um fator de risco significativo para a insatisfação corporal. Fukamachi (2023) argumenta que a imagem corporal constrói e reconstrói a própria imagem do corpo sob a influência de fundamentos fisiológicos, psicológicos e sociais construídos

---

identificável (...) resultado de sua circunscrição a modos de identificação dessa subjetividade dominante.

através da socialização contínua e da observação dos corpos dos outros, mas ressalta que cada indivíduo nunca perde a sua personalidade.

A importância do corpo humano na cultura e o papel central que desempenha na construção da identidade e da autoimagem, a forma como é percebido e representado o corpo é fundamental para a compreensão de si mesmo e das relações com o mundo ao seu redor, segundo Lacan (1953) “O corpo humano é uma questão de supremo interesse em nossa cultura”, admite-se que a imagem corporal seja formatada a partir de imagens fornecidas pela cultura, assim, marcas e mídias produzidas socialmente se apresentam como um formato privilegiado. O corpo ideal para a sociedade é influenciado por certas condições físicas.

Olivier (1995) observa que embora o uso dos termos esquema corporal e autoimagem implique conceitos diferentes, eles são complementares e não contraditórios. Com a existência íntima do próprio corpo se desdobrando diante do sujeito, isso aponta para ele que o espaço do mundo concreto é real. Nesse sentido, o corpo pode ser pensado como um elemento estrutural capaz de potencializar a relação com a alma e a composição do espaço existencial.

Nessa direção, para Dolto (1984, p.10, apud Mourão, 2021) “o esquema corporal é uma realidade de fato, sendo de certa forma nosso viver carnal no contato com o mundo físico”. Tal esquema diz respeito ao sujeito como representante da espécie e permite a “objetivação de uma subjetividade, de uma relação libidinal ‘linguagreira’ com os outros” (idem, p. 14).

Já a imagem do corpo de acordo com a mesma autora, compreende uma síntese viva das experiências emocionais de cada sujeito. Assim, podemos considerar essa imagem como “a encarnação simbólica inconsciente do sujeito.

Noutras palavras, o esquema corporal se constrói por meio da aprendizagem e pela experiência, já a imagem corporal é inconsciente e se estrutura pela comunicação e interação entre os sujeitos, podendo se tornar independente do esquema corporal. Essa imagem é, portanto, dinâmica e sua construção e reconstrução, se processa por toda a vida do sujeito (Mourão, 2021).

Daí a importância de experiências positivas e significativas para que se possa construir uma boa imagem corporal para fazer frente às dificuldades que o adolescente encontrará nessa vivência e construção que tem a ver com a puberdade e os desafios de deixar a infância e entrar na vida adulta. Algumas dessas dificuldades

passam por situações de abandono e de violência, como é o caso das vivências com o bullying.

### 2.3 Bullying no contexto escolar

Bullying é um comportamento inapropriado que ocorre frequentemente nas escolas, envolvendo agressões verbais ou físicas entre estudantes. A prática do bullying pode criar um ambiente perigoso que pode prejudicar o desempenho acadêmico e a saúde emocional dos alunos (Neto, 2005). Existem diversas formas de bullying que podem ocorrer no espaço escolar, desde comentários maldosos e apelidos pejorativos até ataques físicos e discriminação por raça, gênero, orientação sexual, religião ou deficiência.

Fante (2008) enfatiza que “Trata-se de uma forma quase invisível, que sorrateiramente vai diminuindo o outro, como se fosse uma espécie de ‘assassinato psíquico’ suas consequências afetam todos os envolvidos”. No entanto, as maiores vítimas são aquelas que sofrem diretamente seu sofrimento, o medo da reação muitas vezes incentiva a retaliação violenta ou a culpabilização da *vítima*. Os agressores planejam seus ataques meticulosamente, escolhendo colegas de aparência fraca entre sua espécie que não resista, não consiga se defender e nem induzir outros a defendê-los causando estigmas para sua vida.

Essa prática não acontece só presencialmente, também acontece por meio das mídias e redes sociais. Nesses casos trata-se do “cyberbullying” (Levisky, 1998). cyberbullying, cujos efeitos são tão danosos como qualquer outro tipo de bullying.

Se por um lado o bullying encontrou no espaço virtual um campo para as violências, por outro, esse espaço, juntamente com os meios de comunicação também tem servido para denunciar essa prática, sobretudo por pesquisadores do assunto que têm buscado identificar formas de prevenir este tipo de violência nas ruas, casas, escolas e comunidades.

Uma abordagem para combater este tipo de violência é desenvolver campanhas de sensibilização nas comunidades e escolas para reduzir estes ataques, sendo essencial o diálogo entre os familiares e as partes interessadas. Nesse contexto, a escola também tem buscado recursos para o enfrentamento do bullying, e nessa tarefa precisa envolver os pais, responsáveis e todos os envolvidos:

A escola tem um papel de suma importância de conscientizar os pais, familiares, professores, coordenadores e gestores para abolir esse tipo de violência em sala de aula e nos intermédios da sociedade. Só assim, teremos um caminho a percorrer para o futuro desses jovens, sem intolerância, sem vítimas e sem pessoas hostis na sociedade (Rolim, 2016, p.3).

Considerando esta questão do ponto de vista de uma família, de uma instituição educacional, de uma comunidade, de uma região, é necessário conhecer os limites desse fenómeno para que se faça uma nova abordagem de ação que vise resolver o problema de forma eficaz e benéfica para o maior número de adolescentes que tenham sofrido bullying.

O bullying tornou-se um enorme problema no Brasil e no mundo, causando inclusive muitas mortes entre os jovens e afetando a população em geral (Rolim 2016).

Em face desse quadro, as escolas devem trabalhar com propostas diversificadas para ver se este tipo de violência contra crianças e jovens, dentro e fora da escola, pode ser reduzido através da sensibilização de todos os envolvidos.

A lei nº 13.185/2015 apresentou que é crime qualquer forma de intimidação ou constrangimento a uma pessoa em público ou a sós, como posto em seu art. 1º (Brasil, 2015) “Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**) em todo o território nacional”, de acordo com a lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015 no parágrafo primeiro consta:

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (Brasil, 2015).

Ainda com relação à Brasil (2015), em seu artigo segundo estão as características de intimidação: ataques físicos; insultos pessoais; comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; ameaças por quaisquer meios; grafites depreciativos; expressões preconceituosas; isolamento social consciente e premeditado.

O bullying está mais exposto a nós hoje, mas sempre esteve presente de várias formas. Quanto mais cedo começa, mais destrói a autoestima e contribui para o desenvolvimento negativo na vida de algumas pessoas, inclusive da ansiedade e, principalmente, da depressão. Existem estudos nacionais e internacionais que mostram que vítimas de bullying têm maior probabilidade de desenvolver depressão e outros quadros psicopatológicos (Goffman, 1982).

De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), 17,5% dos estudantes brasileiros com mais de 15 anos sofrem algum tipo de bullying pelo menos várias vezes ao mês (Caldas, 2017). A psiquiatra diz que estudos mostram que o bullying pode estar relacionado a ansiedade e depressão:

Hoje temos uma divulgação maior de bullying, mas ele sempre existiu e de diversas formas. Quanto mais cedo ele começa, ele vai massacrando a autoestima e isso favorece desenvolver alguns, entre eles quadros de ansiedade e, principalmente, a depressão, explica Alexandrina Meleiro (Caldas, 2017).

Segundo a autora, estudos nacionais e internacionais mostram cada vez mais as consequências dessa prática abusiva em que há a exposição a situações de violência e esta pode ser provocada não só por um único agressor, mas por vários agressores. Isto porque o bullying é frequentemente aplicado repetidamente aos indivíduos que não conseguem defender-se eficazmente. As crianças afetadas podem ser maiores ou menores, mais jovens, menos fortes ou menos confiantes, portanto, o bullying acaba acarretando para a vida desses jovens muitos complicadores para que eles tenham um desenvolvimento saudável.

Os estigmas constituem um entre tantos complicadores, pois as pessoas levam um tempo para supera-los e muitas vezes nem conseguem. Os estigmas e suas consequências podem estar ligados a uma ampla variedade de situações, como veremos a seguir.

### **2.3.1 Estigma: características e consequências**

A questão do estigma tem sua origem ligada à sociedade grega que se utilizava de artifícios visuais - marcas e sinais no corpo, para identificar as pessoas consideradas impuras ou dotadas de alguma característica ou atributo indesejável. Nesse processo de marcação dos cortes, eram feitas marcas a “ferro e a fogo, ou cortes profundos no corpo para sinalizar que se tratava de um escravo, ou de um criminoso, ou um traidor” (GOFFMAN, 1988, p. 5).

Essas formas iniciais de estigma por marcas e sinais físicos foi se ampliando e passou a significar um defeito ou fraqueza, incluindo características indesejáveis e catalogando as pessoas em categorias conforme padrões específicos, o que faz com que uma pessoa seja excluída pelos outros e rebaixada no grupo social a que pertence.

Algumas pessoas que foram estigmatizadas passam a considerar uma de suas qualidades como impura, de modo que pode imaginar que é desprovida dela, sendo, então, uma pessoa comum e sem valor, podendo até sentir auto ódio e auto depreciação, deixando visível sua condição de impureza e conseqüentemente sua distância da sociedade.

Com base na relação entre identidades reais e virtuais, pode-se argumentar que o processo de estigmatização ocorre não pela existência do atributo em si, mas pela relação irreconciliável entre o *atributo* e o *estereótipo*. A normalidade caracteriza o processo de estigmatização ao criar estereótipos diferentes das características de uma determinada pessoa. O estigma é uma identidade prejudicada pelo comportamento social que reflete o que há de ruim na sociedade que deve ser evitado para que não haja mais traumas (Moreira, 2011).

Goffman (1988, p.13) afirma “O termo estigma, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo”. Assim, o estigma está presente na relação entre um atributo e um estereótipo, ou seja, entre imagens e rótulos criados e reforçados dentro de normas sociais específicas.

E Goffman (1988) ainda fala que a sociedade descreve características humanas e também atributos considerados normais e naturais, portanto, ao estigmatizar algumas pessoas, afirma a normalidade de outras, o que é extremamente emocional, ofensa ou preconceituoso. O preconceito e suas conseqüências discriminatórias são sentimentos que parece originar do processo histórico, cultural, econômico e principalmente moral de cada sociedade. É algo profundo porque afeta todo o sistema de representação e valor que vai sendo construído em cada indivíduo. Tal sentimento é internalizado porque é socializado e constrói o estigma. É uma identidade degradada pelo comportamento social e deve ser evitada porque reflete o lado ruim da sociedade.

Desta forma, as pessoas são discriminadas apenas num contexto: a cultura, determinados desenvolvimentos históricos, políticos, econômicos e sociais significam que a discriminação não é um direito individual, levando a acreditar que realmente o indivíduo precisar passar por certas questões ao longo de sua vida.

## 2.4 Dança na escola

A dança nasceu do desejo humano de vivenciar e expressar a nossa relação com a natureza com a máxima intensidade física. E, embora, por vezes, seja mais visualizada e valorizada pelo desenvolvimento motor desde a infância até a idade adulta, ela é caracterizada pela comunicação não verbal, ou seja, através da expressão corporal (Basso, 2001).

A dança é fruto da necessidade de expressão do homem é considerada antes das palavras tornou-se uma forma de viver o mundo integrando conhecimento, arte e religião, constituindo um elemento educativo que faz parte da vida das pessoas.

No ambiente escolar, a dança pode ser utilizada como recurso educacional para melhorar o aprendizado e a participação dos alunos nas atividades escolares. A dança é uma forma artística de expressão que combina o ritmo da música com o movimento corporal e, assim, promove o desenvolvimento físico, mental e emocional dos(as) adolescentes em sala de aula (Valle; Zancan, 2023).

As atividades de dança podem ser integradas a uma variedade de disciplinas, como educação física, arte e outras disciplinas, para ilustrar conceitos e conteúdo de maneira divertida e lúdica. A Dança também pode ser usada como um projeto extracurricular, dando aos alunos a oportunidade de aprender diferentes estilos, como hip hop, jazz, balé, dança contemporânea e muito mais. Portanto, incorporar a Dança ao ambiente escolar pode trazer muitos benefícios aos alunos e promover uma educação mais completa e humanizada.

Strazzacappa (2023) acredita que focalizar a dança como área de conhecimento, de acordo com as diretrizes, falando da dança como uma das linguagens de ensino de arte na escola mais do que um complemento ou uma mera comemoração nos calendários escolares. A dança na escola tem como característica ser uma área de conhecimento autônomo que trabalha o corpo e o movimento do indivíduo, desenvolve noções rítmicas, amplia as noções espaciais dos(as) adolescentes, situando-os no tempo e no espaço e desenvolvendo sua expressão corporal.

Olhando para essa perspectiva mais inclusiva, a dança por meio da arte é de fundamental importância a estudantes que tenham suas diferenças, respeitando uns aos outros tomando consciência que as instituições de ensino são para todos, pois a

dança tem seu rico potencial ao desenvolvimento destes estudantes com suas especificidades, segundo Ramos espera-se que:

Com o uso da dança este aluno esteja mais ativo, mais sensível, mais criativo, mais crítico, mais apto para comunicar-se, com seu desenvolvimento ligado às várias partes de si e, por conseguinte, mais sedento pelo conhecimento por estudos ministrados, simultaneamente, por professores de disciplinas diferentes (Ramos, 2010, p. 166).

Assim, acredita-se que a dança tem a capacidade de aumentar a consciência corporal, capacitar aqueles que a praticam e encorajar o pensamento crítico sobre as normas sociais e culturais. Este é o poder da arte que podemos usar para reconhecer as diferenças entre as pessoas na escola.

Ensinar dança na escola e usar estratégias divertidas com os adolescentes proporciona um foco em atingir todo o seu potencial humano. Isso acontece porque os(as) adolescentes têm interesse em realizar atividades que implementem estratégias lúdicas. Ou seja, aprender a dançar por meio de atividades lúdicas enriquecerá o aprendizado na dança (Conceição, 2023).

Com base nas etapas do desenvolvimento infantil relacionadas aos elementos do movimento e do espaço, incluindo danças folclóricas e movimentos cotidianos, Laban criou um sistema de ensino de dança para escolas primárias e primárias chamado “Dance Livre”, que foi publicado nos anos 40 e posteriormente traduzido do inglês para o português em 1990 (Martins, 2021).

Por ser ampla, a dança requer movimentos que ativem a respiração e aumentem a concentração e combina atividades físicas e mentais indissociáveis, tornando-se uma importante ferramenta técnica na educação e vantajosa para o desenvolvimento físico, emocional e intelectual. Além disso, a dança pode promover uma convivência mais harmoniosa e saudável no ambiente escolar.

A lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 define que é dever da família e do estado promover a educação para com o ser humano, tendo em vista que na LDB tem três objetivos para a educação que está posto de acordo com a Lei no 9.394/1996 no título II e consta:

**Art. 2º.** A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

O ensino é um dos recursos mais essenciais ou o mais importante, é a base para o adolescente se formar como pessoa íntegra, autônoma, crítica, para o

desenvolvimento de uma comunidade a qual ele pertença. É aplicado de maneira a permitir que o ser humano desenvolva suas habilidades, adequando-se à sociedade.

A dança na escola não pode ser somente ilustrativa, fazendo com que os estudantes reproduzam passos tornando-se robôs. Scarpato (2001, p.57) acrescenta que “É preciso ver o homem como ser total e único que quer aprender de forma dinâmica, prazerosa, envolvente” é fundamental envolvê-los nas atividades de artes visando não somente a reprodução automática de movimentos corporais.

Pode-se dizer que a dança permite que os(as) alunos(as) aprendam e analisem as características do movimento expressivo, como leve ou pesado, forte ou fraco, rápido ou lento, fluido ou suave, de intensidade, duração e direção. Essas referências, conhecer determinadas técnicas, realizar determinados movimentos e utilizá-los, ter capacidade de improvisar, construir coreografias e, por fim, ter uma atitude de apreciação e apreço pelas expressões expressivas (Basso, 2001).

É importante que as escolas desenvolvam a Dança com todos os seus recursos para ajudar as crianças a perceberem funções corporais dinâmicas, gestos e movimentos como expressões individuais e culturais. As escolas devem oferecer atividades de expressão física, como: atividades físicas e artísticas. Uma das atividades artísticas que melhor reflete tais atributos sempre foi e continua sendo, a dança.

A importância que a Dança na escola tem, será alcançada através de professores que não seja aquele que impõe técnicas e conceitos, mas sim aquele que promove a experiência, que orienta o aluno nas suas novas descobertas das suas capacidades individuais. Através da Dança, os alunos poderão recuperar a autoconfiança em quem são, de forma plena e completa, resgatando a capacidade de se mover criativamente porque a dança é uma das expressões que dá origem ao sentimento de existência. Este sentido de existência envolve não apenas uma compreensão psicológica da experiência corporal, mas também uma experiência física que se torna um ponto de referência ao qual se pode voltar naturalmente, a qualquer momento que as pessoas quiserem (Ferrari, 2010).

Dentre as muitas possibilidades da prática da Dança nas escolas, destacamos o hip hop, foco desse trabalho e próximo tópico a ser abordado.

### 2.4.1 A cultura e a Dança *hip hop* na escola

O hip hop começou como um movimento cultural envolvendo latinos, jamaicanos e afro-americanos no bairro de South Bronx, na cidade de Nova York, na década de 70. Afrika Bambaataa era o DJ importante naquela época, é reconhecido como um visionário e fundador desse movimento social extremamente influente. Então o estado social desta área estava repleto de violências e crimes, e a única maneira de os jovens passarem seu tempo livre era na rua, em que na música, na poesia, na dança e na pintura, procuram expressar a realidade e a rivalidade. (Vieira, 2018).

O *hip hop* tem cinco elementos potentes como: *rap*, *DJing*, *break* e *Graffiti* e o conhecimento. Com a ascensão do hip hop, os músicos de discoteca criaram canções curtas que enfatizavam o ritmo e a repetição, a partir das quais o rap foi definido como estilo. Nas Danças, como *locking*, *break* e *popping*. A relação entre o *Graffiti* e o *hip hop* nasceu quando uma nova forma de pintura nasceu no território onde se praticava *rap*, *DJ* e dança.

Para Oliveira (2007), o hip hop é um movimento sócio cultural de origem coletiva, por convenções sociais o nome foi se oficializando de Movimento Cultural e passando a ser considerado definitivamente uma Cultura e se assumiu como tal, então nascia a Cultura Hip Hop, que está e sempre esteve relacionado aos desdobramentos da sociedade, preconceito e desigualdade.

Segundo Colombero (2011), a dança hip hop tem sua origem nas danças sociais era um movimento social grande. A partir do momento em que passou a fazer parte do videoclipe americano, cantores e dançarinos começaram a “quebrar” os movimentos e assumiram o papel principal, afetando o estilo de *break*, *Locking* e *popping* em sua composição. *Hip hop* é um termo que perdeu seu significado singular ao longo do tempo e deixou de ter apenas um significado, para ter “muitos”. Inicialmente, o *hip hop* era uma gíria, com relatos referentes a essa cultura o termo existe nos Estados Unidos desde a década de 1940. Neste momento, é difícil esclarecer o significado formal deste termo.

A dança *hip hop* cresceu em popularidade, sendo incorporada a diversos segmentos e espaços sociais (Teixeira, 2017). Dentre esses espaços, as escolas são ambientes onde a prática da dança hip hop pode contribuir muito para a formação de crianças e adolescentes. Além de ser uma forma lúdica e saudável de expressar o

corpo, essa dança também pode trazer benefícios sociais, emocionais, cognitivos e físicos. Socialmente, a prática da dança *hip hop* nas escolas pode contribuir para uma comunidade mais tolerante e respeitosa ao promover a inclusão e a diversidade.

A dança também pode ajudar a desenvolver habilidades emocionais, como confiança, autoestima, criatividade e expressão emocional cognitivamente, a dança *hip hop* promove a criatividade e a capacidade do corpo de observar, perceber e lembrar. A instrução de dança também inclui oportunidades para aprender novas habilidades de movimento e desenvolver novas habilidades (Ribeiro, 2008).

Segundo Ribeiro (2011, p. 53) “Podemos afirmar, portanto, que o hip hop dance pode ser considerado a “dança contemporânea” da dança de rua, pois, além de utilizar diferentes movimentações de dança de rua, possui um diferencial rítmico”, logo a dança hip hop é um dos estilos das danças urbanas entre tantos outros que tem seus muitos efeitos na cultura em si, sempre tendo influências muito marcantes nas gerações até hoje.

Por fim, em relação ao físico, a dança *hip hop* é uma atividade que estimula o desenvolvimento da motricidade, coordenação e resistência física, sendo também uma atividade divertida e estimulante. Dessa forma, pode-se afirmar que a prática da dança *hip hop* na escola pode contribuir de várias formas para a formação integrada de crianças e adolescentes, auxiliando não só na saúde física, mas também social e emocional, no desenvolvimento cognitivo e cultural. Daí termos focalizados nesses aspectos ao longo desta pesquisa.

### **3 PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO**

Neste tópico apresentamos os caminhos que foram seguidos nesta pesquisa a partir da concepção desta e dos objetivos propostos. Desse modo, compõem esta parte do trabalho: a definição da pesquisa, os sujeitos da pesquisa, os procedimentos para a coleta de dados e os procedimentos para análise dos dados coletados.

### 3.1 Aspectos epistemológicos

Na concepção desta pesquisa buscamos respaldo em algumas referências de teóricos clássicos, dentre os quais destacamos o ponto de vista defendido por Popper (1972, p. 129), cuja perspectiva enfatizou e reconheceu que a ciência “pelas suas realizações práticas, mais ainda, pelo conteúdo informativo e a capacidade de livrar nossas mentes de velhas crenças e preconceitos, velhas certezas, oferecendo-nos em seu lugar novas conjecturas e hipóteses ousadas”, é uma atividade importante para todos.

Também trouxemos como ponto de base a perspectiva da teoria da complexidade desenvolvida por Morin (2005, p.231): “O pensamento complexo é o pensamento que, equipado com os princípios de ordem, leis, algoritmos, certezas e ideias claras, patrulha o nevoeiro, o incerto”, buscando juntar os distintos saberes.

A junção do pensamento desses dois teóricos nos aponta a necessidade de juntarmos os saberes, no caso deste trabalho os saberes da Dança e outras áreas do conhecimento e dos sujeitos da pesquisa, como forma de tentar compreender possibilitar ressignificações do bullying no contexto escolar estudado.

#### 3.1.1 Caracterização da pesquisa

Existem muitas possibilidades de classificação da pesquisa e aqui tomaremos por base sua finalidade, objetivos, método, ambiente e abordagem dos dados, entendendo a pesquisa científica como “a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência” (Ruiz, 1985, p.170).

#### 3.1.2 Do ponto de vista da finalidade

Esta pesquisa se definiu como uma pesquisa básica de acordo com sua finalidade. Segundo Gil (2010), a pesquisa básica consiste em trabalhos e pesquisas que visam principalmente responder perguntas visando ampliar nosso conhecimento sobre o mundo. Entender o principal objetivo da pesquisa básica é avançar no conhecimento científico sem se preocupar com a aplicabilidade imediata dos

resultados coletados (Apolinário, 2011, p. 146), sendo essa a finalidade desta pesquisa.

### 3.1.3 Quanto aos seus objetivos

Em relação aos objetivos mais gerais, ou propósitos, nossa pesquisa se classifica como exploratória e descritiva. De acordo com (Gil, 2002), a pesquisa exploratória é um ponto de partida essencial para a investigação científica, permitindo a descoberta de novos tópicos, questões e problemas, bem como a formulação de hipóteses e a identificação de variáveis relevantes para a presente pesquisa. Dessa forma, objetivamos explorar de maneira mais detalhada a temática estudada, frente aos poucos estudos existentes. Do mesmo modo, buscamos descrever os dados buscando um distanciamento de perspectivas explicativas.

Para Gil (2002), a pesquisa descritiva busca estudar as características de um grupo, assim como sua distribuição em termos de idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental, dentre outros fatores.

### 3.1.4 No que tange aos métodos

Essa pesquisa é do tipo qualitativa, pois lida com o nível subjetivo e relacional da realidade social, tendo sido abordada através da história, universo, conceitos, motivações, crenças, valores e atitudes dos atores sociais, como propõe Minayo (1992).

### 3.1.5 Quanto ao ambiente

A classificação desta pesquisa em relação ao ambiente é de campo, pois a mesma foi desenvolvida em uma escola da zona oeste da cidade de Manaus. Segundo Gonsalves a pesquisa de campo:

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (Gonsalves, 2001, p.67).

A experiência vivenciada na escola foi extremamente significativa para a pesquisa pois ali se deu o encontro com os sujeitos da pesquisa, como apontaremos a seguir.

### **3.2 O ambiente da pesquisa e seus participantes**

A pesquisa foi realizada na escola CETI Garcitylzo do Lago e Silva, na zona oeste da cidade de Manaus. Esta escola funciona em três turnos e atende a uma população de aproximadamente 1.110 alunos matriculados regularmente, alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, a escola está localizada no Tarumã na zona oeste de Manaus. Quanto ao local as oficinas eram sempre em uma sala de multimídia bem ampla com ar condicionado funcionando bem, um quadro para passar a teoria o nome dos passos e caixa de som.

Quanto aos participantes da pesquisa, foram entrevistados sete alunos(as) com idades entre 11 e 12 anos, sendo seis meninos e uma menina do 6.º ano do ensino fundamental, do turno matutino, independentemente de terem ou não sofrido ou estarem sofrendo alguma situação de bullying, pois buscamos entender quais as experiências de estudantes que são apenas espectadores, os que de alguma forma estimulam, os que ficam “neutros” frente a essas questões, como forma de enriquecer os dados da pesquisa que, por ter um caráter reflexivo, buscou alcançar esse público que não sofreu bullying para assim levantar as percepções deles juntamente aos que sofreram algum tipo de violência.

Portanto, os critérios de inclusão para participação no estudo foram definidos nos seguintes termos: que eles(a) tenham tido contato com situações de bullying, ainda que não tenha sofrido algum tipo de violência, a participação do adolescente em pelo menos duas etapas da coleta de dados e a manifestação de intenção de participar do estudo assinando o Termo de consentimento livre e esclarecido — TCLE.

Foram utilizados como critérios de exclusão do estudo: Os alunos(as) que estudam há menos de três anos na escola e que não manifestaram formalmente a vontade de participar do estudo.

### 3.3 Procedimentos para a coleta de dados

Inicialmente foi obtido a permissão da escola e, para tanto, utilizamos uma carta de anuência<sup>3</sup>. Obtida essa autorização e o consentimento formal dos pais, demos início à coleta de dados, em que cada menor assinou um Termo de Consentimento (TCLE).

Completadas essas etapas legais e éticas, realizamos as entrevistas para conhecer as formas de bullying existentes entre os alunos e os recursos que as escolas e alunos(as) utilizam para lidar com essas situações, na qual foram entrevistados todos os(as) alunos(as) que estavam presentes nas oficinas para saber se de fato organizaram tais ações. Com base nessas informações, planejamos as oficinas de dança/hip hop.

As oficinas foram realizadas de forma contínua, em quatro dias da semana (segunda, quarta, quinta e sexta) durante o período das duas semanas consecutivas. E esses foram os conteúdos trabalhados:

**1º dia de oficina:** Nesse dia foi introduzido o estilo *Popping* e as suas bases. Este estilo foi criado por Boogaloo Sam, e toda a técnica se dá pela contração e relaxamento da musculatura do braço, perna, peito e até pescoço. Então, nas oficinas ensinamos os principais movimentos que os adolescentes poderiam assimilar com mais facilidade como: o *Ticking* (feito com contratempo) que é feito com “contração” dos músculos, realizada na duração desde 8 segundos, até chegar em 1 segundo, acompanhando o ticking na batida da música, que nessa oficina foi a “slick dogg – electric boogaloo” seguindo com a mesma música a aula toda.

O segundo momento teve por base o *Fresno*, estilo que recebe esse nome por ter nascido na cidade de Fresno na Califórnia, então, ensinamos a eles(a) como era a movimentação de Fresno (braço estendido para frente, contraindo os músculos do braço e da perna ao mesmo tempo). Foi passado também o *Tutting*, baseado nos movimentos angulares dos antigos egípcios, e se dá na dança popping por meio de formas geométricas e posições dos ângulos retos, o foco principal é nas mãos e nos braços. A reação dos adolescentes durante as atividades foi muito positiva, por ser um estilo presente na cultura Hip Hop, e até mesmo utilizado em treinos para um

---

<sup>3</sup> Modelo da carta de anuência e demais documentos relacionados com a autorização da pesquisa encontra-se nos apêndices.

melhor controle corporal, ensinamos aos alunos(as) primeiro os movimentos e passos, e só depois eles puderam dançar para conseguirem assimilar e acompanhar a aula.

**2º dia de oficina:** Nessa oficina introduzimos o estilo *Break* e as suas bases. Esse estilo não tem ao certo um criador, porém James Brown é o maior nome desse estilo, toda a técnica concentra-se no beat “batida” da música. Durante a aula, foram demonstrados passos como: o *toprock* (baile dos pés), que geralmente é a primeira e principal exibição de abertura da performance e de transição para outros passos. Em seguida foram os *footwork* (trabalho de pés e mãos no solo), nessa parte os alunos tiveram um pouco de dificuldade, mas não deixaram de se arriscar a fazer os movimentos. Enfatizamos que “não era difícil, só era um pouco de força e agilidade”, um fato interessante que ocorreu nessa atividade, foi um estudante que falou: “professora não consigo, sou muito gordo”. Nesse momento a pesquisadora compartilhou algumas experiências que teve em sua vida de dançarina, essa troca de informações ocasionou um momento muito bom na oficina, pois, ao retornarmos à transmissão das movimentações, o processo ocorreu com mais tranquilidade. Assim, foi possível ensinar o tree step e o six step (figura 3), e por último foi apresentado o *freezer* (posturas congeladas), em que o dançarino para na posição ou pose, equilibrando-se por alguns segundos usando a força da parte superior e abdominal do corpo. Os alunos demonstraram interesse nesses passos e quiseram repetir tais movimentos, infelizmente, o tempo era curto e tivemos que encerrar a oficina. O Break, por ser um estilo de bastante impacto e de bastante postura, permitiu maior conexão entre a turma e a dança. As músicas usadas foram “blitz feat dj fleg e dj zapy”, “dj spinna – rock Bboy”

**3º dia de oficina:** Essa oficina consistiu numa revisão dos estilos *popping* e *break* para saber se haviam aprendido bem os passos que compõem esses estilos. Assim, foi passado uma introdução ao hip hop e como ele tem grande influência sobre a autoexpressão e autonomia, num primeiro momento, foi apresentada apenas uma pequena parte sobre a história da dança hip-hop, a qual refere-se a um estilo de dança social, que pode ou não ser coreografada à música hip-hop. Dentro da cultura hip hop, também são encontrados muitos outros estilos desenvolvidos por afro-americanos e latinos na década de 1970, particularmente os que foram ministrados nas oficinas de *break* e *popping*, e por questões de horário, as práticas foram ministradas no dia seguinte.

**4° dia de oficina:** Neste dia, iniciamos as práticas da dança hip hop, primeiramente conhecendo os passos e movimentações, iniciamos com alguns dos mais famosos passos sociais, cujos nomes vieram de desenhos animados, como o *Bart Simpson* e o *Smurf* e em seguida o *Cabbage patch*, este que tem origem de seu nome de uma boneca muito popular dos anos 80, os alunos demonstraram dificuldade com essa movimentação devido a rápida mudança de direção. Seguindo para o passo chamado *Reebok*, recebeu este nome devido à marca de tênis, Reebok, muito utilizada na época. Os passos foram escolhidos por possuírem nomes que remetem a elementos do cotidiano (desenho, boneca e sapato), ao perceber que os alunos estão dispostos a aprender, isso permite que a oficina seja realizada com qualidade. Contudo, havia momentos nos quais os alunos dispersaram-se com facilidade, para que isso não interferisse no andamento da aula, eram feitas pequenas dinâmicas, era pedido que os alunos se juntassem em duplas ou trios, para repassar movimentações, assim, evitando distrações. Dando continuidade à aula, foram passadas movimentações como o *“Bounce”*, que consiste em movimentos contínuos de *“balanço”*, movendo o corpo repetidamente de acordo com a batida da música, e o *“Feeling”*, uma espécie de atitude ou a maneira de se mover de acordo com a música. Devido período curto de tempo, focamos em trabalhar as movimentações citadas anteriormente, todavia, existem diversas estratégias para introduzir o hip hop na escola.

**5° dia de oficina:** Neste dia, foi dado aos alunos o tempo de aula para que eles pudessem montar seus movimentos de forma individual e em grupo, sempre os auxiliando com as dúvidas que surgiam no decorrer do processo, os incentivando a cada etapa, este momento foi importante pois, seu significado reverbera para muito além das oficinas da dança hip hop na escola e sua cultura.

**6° dia de oficina:** Essa oficina representou o momento dos(as) alunos trabalharem em seu processo coreográfico, deixando-os à vontade para lembrar o que aprenderam e montarem uma sequência de movimentos de acordo com seus gostos e com os conteúdos apresentados nas oficinas

**O 7° dia de oficina:** Como última oficina momento das despedidas, conversas e agradecimentos.

Ao término das oficinas, foram realizadas novas entrevistas para avaliarmos se houveram reflexões significativas e uma melhora na autopercepção. A partir da

análise desses dados, repensamos juntos algumas alternativas para a ressignificação do *bullying* entre eles, e a potência dessa arte/educação.

### **3.4 Instrumentos para coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e observação dos participantes durante as oficinas de dança. Segundo Gil (1999), A entrevista é uma forma de interação social, uma conversa assimétrica em que uma parte tenta coletar dados enquanto a outra se apresenta como fonte de informação.

Marconi E Lakatos (2004) relata que em uma entrevista semiestruturada, o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação na direção que achar melhor. É uma forma de explorar um problema mais amplo e liberal. E quanto a observação do participante, é o processo pelo qual os investigadores estabelecem relações multidimensionais e de longo prazo com grupos de pessoas no ambiente natural para construir uma compreensão científica dos grupos (May, 2001).

### **3.5 procedimentos para a análise dos dados**

Os dados foram analisados com base na análise de conteúdo na teoria de Bardin (2009) e teve como objetivo organizar os dados para que fosse possível extrair os sentidos das questões propostas para a pesquisa, em relação as outras informações estabelecidas anteriores.

Assim, este procedimento se deu em etapas, que forma organizadas como: transcrição de todas as entrevistas realizadas; bem como a organização e separação das mesmas; identificação das categorias por objetivos e tópicos da pesquisa; para então fazer as análises do material adquirido pela pesquisadora.

## **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Nesse capítulo serão apresentados os dados obtidos na pesquisa nas três etapas da pesquisa de campo. Nesse sentido, em um primeiro momento foram realizadas entrevistas em grupo nas oficinas a partir das temáticas definidas com base

nos objetivos específicos da pesquisa e na sequência os dados foram coletados individualmente.

A pesquisa teve como objetivo Identificar os tipos de bullying praticados entre os/as alunos(as) e as consequências ocasionadas por essa prática em adolescentes que vivenciam ou vivenciaram tais práticas, os aspectos explorados no referencial teórico que por sua vez nortearam a análise dos outros dois objetivos: levantar as iniciativas já desenvolvidas na escola para o enfrentamento do bullying junto aos alunos, e, por fim, reconhecer por intermédio de oficinas de hip hop, os recursos dessa cultura e dessa Dança para trabalhar a potência que a arte/educação proporciona e o fortalecimento do autoconceito de alunos(as) que vivenciaram situações de bullying.

A análise então esta dívida em duas partes: em um primeiro momento será relatado os dados das primeiras entrevistas realizadas. E, em um segundo momento, os relatos coletados após a participação dos estudantes nas oficinas de dança. As entrevistas foram semiestruturadas e realizadas individualmente na escola. A primeira entrevista levantou questões como o perfil pessoal e o que era esperado das oficinas; se já haviam dançado; se conhecia o hip hop e qual estilo de dança gostam.

A segunda entrevista foi mais sobre o bullying: se eles conheciam; se já sofreram; o que presenciaram situações de bullying na escola; o que os professores ou a escola fazem com essas questões. Também levantamos como eles se sentiram com a dança; O que significa a dança e o hip hop e, no final, o que as oficinas trouxeram como reflexão.

#### **4.1 Perfil dos participantes**

Como forma de seguir aspectos éticos relativos à confiabilidade e sigilo dos dados, adotamos alguns procedimentos para a omissão dos nomes dos participantes. Como eles não queriam que adotássemos nenhum codinome para identifica-los, a identificação deles foi feita pela palavra estudante seguida pelas letras do alfabeto, de acordo com a ordem em que as entrevistas foram realizadas. Além dessas medidas alguns dados que poderiam facilitar a identificação dos adolescentes foram omitidos.

O estudante A tem 11 anos; o estudante B tem 12 anos; o estudante C tem 11 anos; Estudante D tem 11 anos; a Estudante E tem 12 anos; o estudante F tem 12 anos; o estudante G tem 12 anos, e todos são do 6° ano do ensino fundamental e frequentam a escola regularmente.

Feita essa caracterização inicial dos participantes, passaremos a apresentar os dados relativos ao primeiro objetivo específico da pesquisa.

#### **4.2 Bullying: práticas e consequências entre os adolescentes pesquisados**

A prática do bullying pode criar um ambiente perigoso e com isso prejudicar o desempenho acadêmico e a saúde emocional dos alunos (Neto, 2005). Existem diversas formas de bullying que podem ocorrer no espaço escolar, desde comentários maldosos e apelidos pejorativos até ataques físicos e discriminação por raça, gênero, orientação sexual, religião ou deficiência.

No contexto escolar pesquisado, através das entrevistas, percebeu-se que essas práticas estão de fato presentes, como em outras escolas. Ao perguntarmos aos estudantes qual o entendimento que eles tinham sobre o bullying, obtivemos muitas respostas que apontam para uma mesma direção, como apontam as falas do/a Estudante F que nos diz “que é ruim”; para o Estudante G “a pessoa pode ficar depressiva, quando a pessoa fala uma coisa, sem saber que ela não é, isso é preconceito”; já para Estudante D “pode levar a pessoa a depressão”.

Nessas primeiras falas, podemos perceber que, sofrendo ou não alguma situação de bullying, todos fazem um reconhecimento do bullying, como a Estudante E cuja fala juntamos às demais: “eu entendo que é uma falta de educação praticar bullying com a pessoa, e todo mundo tem defeito ninguém é perfeito” a exceção fica por conta de um estudante que referiu não saber muito falar pois nunca sofreu bullying.

Acerca de ter ou não sofrido algum tipo de bullying o que conseguimos levantar foi que dentre os sete estudantes entrevistados, cinco sofreram bullying e dois não. O que pode ser ratificado a partir de dados teóricos como os apontados por Caldas (2017) que tomando por base dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), aponta que 17,5% dos estudantes brasileiros com mais de 12 anos sofrem algum tipo de bullying pelo menos várias vezes ao mês, tornando fatal aos adolescentes hoje em dia. A psiquiatra diz que os estudos obtidos por eles mostram que o bullying pode estar relacionado a ansiedade e depressão, segundo dados da autora, estudos nacionais e internacionais mostram que pessoas que sofrem bullying têm mais chances de sofrer de depressão. Esta definição contém certos aspectos que nos permitem entender melhor o bullying.

Dando continuidade à análise, identificamos que em relação aos tipos de bullying que estão presentes na escola, dois em especial aparecem: o físico e o psicológico. Conforme revelam as falas a seguir: “Chamar o outro de careca, bater nas pessoas, chamar de gordo e outras coisas” (Estudante B); “Chamarem de gordo, chama o outro de chocolate” (Estudante D); “Ficava chamando de careca, testudo, africano, ficava fazendo mais mental, mas físico também tem” (Estudante G)

Para a análise dessa temática, trago aqui Fante (2008), para quem, os agressores planejam seus ataques meticulosamente, escolhendo colegas de aparência fraca entre sua espécie que não resista, não consiga se defender e nem induzir outros a defendê-los causando estigmas/traumas para sua vida tanto acadêmica quanto pessoal em seu meio familiar.

Muito se completa ao que o Estudante G vivenciou e que ainda lhe causa estigmas “já sofri, no 5º ano, ficavam falando do meu cabelo que estava raspado, foi psicológico, ficava constrangido” e o Estudante A (muito emocionado) ao lembrar “Já sofri, foi bullying psicológico”, e ao perguntarmos se era frequente ele responde rapidamente: “sim direto”. Essas situações de violência na escola se ligam, em muitos casos, aos padrões sociais pois a sociedade descreve características humanas e também atributos considerados normais e naturais, com isso, ao se estigmatizar algumas pessoas, afirma-se a normalidade de outras, o que é extremamente ofensivo e preconceituoso (Goffman, 1988).

A partir das falas aqui relatadas, percebemos que eles não fazem uma tentativa de conceituação do bullying, eles já falam direto das consequências pois, possivelmente não obtiveram essas informações antes. Todavia, se por um lado não conseguem fazer uma conceituação clara, por outro, percebemos muita clareza em suas falas quanto aos tipos de bullying praticado na escola. E é com a mesma clareza que eles falam sobre o que a escola tem feito e como tem conduzido as situações de violência na escola.

#### **4.3 Ações da escola para o enfrentamento dessas questões na visão dos adolescentes**

A parte da entrevista que tratou das ações da escola foi muito significativa pois os participantes ficaram bem à vontade para falar um pouco deles na escola com relação

as questões de bullying e compreender se a escola de fato cuida da integridade de quem estuda lá.

Primeiramente, eles responderam que não são de faltar as aulas e responderam com facilidade a perguntas como: O que é que escola fez ou faz por pessoas que passaram por situações de violência?, teve alguma ação ou palestras que a escola fez ou faz?, e como os professores lidam com essas questões?

As escolas devem se empenhar no enfrentamento de questões de violência junto aos alunos e funcionários. Para isso elas podem trabalhar com propostas diversificadas, dentro e fora da escola, para promover um trabalho de sensibilização que vise reflexões sobre essas questões, pois o bullying tornou-se um sério problema no Brasil e no mundo (Rolim, 2016).

Conforme os relatos dos alunos e da aluna, a escola fica um pouco neutra com relação a esses acontecimentos. Quase todos deram a mesma resposta como a Estudante J: “Não, nada” e o Estudante H: “Eles não falam para o diretor, o diretor faz uma ficha e pronto e o outro vai e volta mais mal ainda”, ou seja, o agressor não encontra um limite e volta a fazer novamente as mesmas coisas, com mais raiva pelo fato de não aceitar a que o outro falou dele.

Somente um deles, o Estudante A nos contou que houve uma ação: “já fizeram algumas palestras, no 2º ano fizeram sobre o bullying”. Segundo Estudante A, isso ocorreu no ensino médio, mas ele não lembra de nenhuma outra ação durante o tempo em que ele está na escola.

As outras falam vão na mesma direção dos primeiros entrevistados:

Não foi acolhido, porque depois disso começaram a falar que era só uma brincadeira né (Estudante G); pelo que eu me lembre não, porque o que sofreu bullying ele não chamou ninguém, tipo a pedagoga, a secretária, só ficou no canto dele (Estudante D)

Embora o bullying represente hoje um grave problema na vida dos adolescentes pelos efeitos danosos que ele acarreta, como apontam os dados do PISA (caldas, 2017), aponta que 17,5% dos estudantes brasileiros com mais de 12 anos sofrem algum tipo de bullying pelo menos várias vezes ao mês. Rolim (2016) vai reafirmar que o bullying tornou-se um enorme problema no Brasil e no mundo, causando inclusive muitas mortes entre os jovens e afetando a população em geral. As escolas precisam se conscientizar ainda mais sobre a gravidade desse problema e adotar medidas mais variadas e eficazes para o enfrentamento do bullying. Dentre

essas alternativas, destacamos aqui as atividades de Dança que podem abrir caminhos para um melhor diálogo sobre as questões do cotidiano escolar.

Dentre essas questões citamos as pessoas que sofrem algum tipo de estigma e, também não se pode esquecer os benefícios da Dança, nesse contexto a dança hip hop para as pessoas que tem suas especificidades como aponta Ramos (2010, p.166) “Espera-se que com o uso da dança este aluno esteja mais ativo, mais sensível, mais criativo, mais crítico, mais apto para comunicar-se, com seu desenvolvimento ligado às várias partes de si”, pois a dança tem seu grau de potencialidade na vida dos adolescentes que sofrem ou não bullying nas escolas.

#### **4.4 O Hip hop e seus efeitos nas oficinas**

A dança nasceu do desejo humano de vivenciar e expressar a nossa relação com a natureza com a máxima intensidade física, e embora seja caracterizada pelo desenvolvimento motor desde a infância até a idade adulta, a dança é caracterizada pela comunicação não verbal, ou seja, através da expressão corporal, sentimentos sociais, emoções, crenças, conflitos, conquistas pessoais ou coletivas (Basso, 2001).

As perguntas da primeira entrevista, foram todas sobre as oficinas, pois nosso objetivo foi abordar o tema “bullying” nos últimos dias das oficinas para não os deixar constrangidos(a) ou causar desistências.

As entrevistas que ocorreram antes das oficinas tiveram o objetivo de conhecê-los e de alguma forma ver o grau de entendimento sobre a dança. Nas primeiras falas, podemos perceber que, eles(a) tinham pouca vivência com a dança na escola e que alguns não conheciam o estilo de dança hip hop. Porém, aqueles(a) que tiveram vivências com essa linguagem artística foram bem enfáticos em suas respostas: o Estudante C nos relatou: “sim, com minhas professoras de artes”; o Estudante A: “sim, quando eu era do 4º ano”. Essas falas nos dão notícias de que as professoras seguem os PCN, mas, o hip hop era algo novo para eles, pois obtivemos respostas como as dadas pelo estudante F: “muito não” e o Estudante G: “não, mas pretendo conhecer”. Esse desejo em conhecer a Dança nos motivou ainda mais para fazermos as oficinas de dança, já que, por meio destas, os alunos teriam a possibilidade de passarem a conhecer essa cultura e esse estilo de dança, podendo desenvolver um autoconceito melhor, bem como uma autoconfiança mais consolidada.

Os estilos de dança respondido por eles/ela na primeira entrevista foram bem diferentes uns dos outros como: samba, contemporâneo, alguns falaram funk, e um falou “break”.

As expectativas deles acerca das oficinas foram positivas: “algo legal, espero poder fazer parte dessas oficinas e conhecer mais”, “diversão e aprendizado”, “conhecer a dança e as músicas” e com esses pensamentos, as oficinas foram bem dinâmicas.

Nas entrevistas após as oficinas podemos ver a diferença do começo para o final dos contatos e como eles e ela tomaram conhecimento sobre o hip hop. Foram perguntas e respostas que enriqueceram a pesquisa. Destacamos algumas perguntas: Quais foram os seus sentimentos fazendo as oficinas?, Como você se sentiu com a dança?, O que a dança significa para você?, E o hip hop o que significa?, O que a oficina trouxe para você?.

Nesse sentido, trazemos falas importantes deles e dela para nos ajudar a concluir esta pesquisa. Nelas podemos ver que todos(as) absorveram o conhecimento e foram deixados bem à vontade com relação às perguntas, algumas respostas nos ajudam a ratificar as considerações feitas acima: “Me ajudou a ser mais alegre” (Estudante A); “Me senti bem porque deu um aperto no coração<sup>4</sup> para dançar agora eu vou dançar vou pedir para o meu pai me matricular numa aula de dança” (Estudante B); “me senti legal, tipo livre, eu gosto de dançar” (Estudante C); “me senti bem, gosto de dançar às vezes, me senti feliz e alegre” (Estudante F), e, por fim, o Estudante G falou algo bem importante: “senti que pode não sair certo, mas as vezes o errado também é dança tipo movimento né a dança”. Essas falas ratificam que a dança é extremamente necessária na vida dos estudantes dessa escola e de outras em geral, esse impacto que a dança tem não pode faltar na grade curricular da educação básica.

A dança é uma forma artística de expressão que combina o ritmo da música com o movimento corporal e, assim, promove o desenvolvimento físico, mental e emocional dos(as) adolescentes em sala de aula (Valle; Zancan, 2023). Por isso, a consideramos uma arte complexa, não diz respeito apenas a repetição de movimentos ou composição de coreografias, ela tem um caráter amplo.

---

<sup>4</sup> É interessante ressaltar uma fala que vem na sequência de seu relato: “mas esse aperto no coração é no bom sentido”.

Nesse sentido, Conceição (2023) acredita que a dança em sua amplitude tem a capacidade de aumentar a consciência corporal, capacitar aqueles que a praticam, em seu caráter subversivo, reflexivo e de encorajar o pensamento crítico sobre as normas sociais e culturais.

As falas finais desses alunos e aluna, ratificam essa importância da Dança e do quanto ela pode ser benéfica quando bem conduzida. Durante as oficinas os alunos se sentiram confiantes e livres para dançarem, e isso, em alguns casos pode representar uma recuperação da confiança/autoconfiança em quem são, resgatando a capacidade de se mover criativamente pois como afirma Ferrari (2010), a dança é uma das expressões que dá origem ao sentimento de existência.

As brincadeiras leves e reações, por vezes emocionadas, aos seus próprios erros e aos erros cometidos pelos colegas durante a dança, são indicativos de maior flexibilidade para consigo e com os outros, aspecto importante frente as cobranças e imposições de modelos a que esses jovens estão sujeitos. E aqui resgatamos a fala do Estudante G como representativo dessa flexibilidade: “senti que pode não sair certo, mas as vezes o errado também é dança, tipo movimento né a dança”.

Essa e outras falas que escutamos, sobretudo, ao final da pesquisa, e que apontam na direção de posicionamentos mais críticos, autocrítico e autônomos, nos dão a esperança que, de alguma forma, elas se transformem em novas formas de pensar e agir. Tarefa que a escola deve promover, pois como propõe a LDB, sua função não é apenas reproduzir conteúdo, mas também formar cidadãos, como disposto no artigo 2º:

**Art. 2º.** A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

O ensino é um dos recursos mais importantes e essenciais, é a base para o adolescente se formar como pessoa íntegra, autônoma, crítica, para contribuir com a comunidade a qual ele pertence, e a Dança hip hop, como tantas vezes aqui afirmamos, pode contribuir muito para esse processo de formação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo abrangente sobre o bullying no espaço escolar pelo viés da Dança, mais especificamente, por meio da cultura e da Dança hip hop.

Não foi uma tarefa simples, pela complexidade que envolveu cada etapa do trabalho, mas ao mesmo tempo foi muito gratificante pelas contribuições que ele possa trazer. Assim, a pesquisa se justifica do ponto de vista científico, pela possibilidade de ampliar as discussões e a compreensão da arte como uma forma de enfrentar outros problemas na escola.

Socialmente falando, tendo em vista que o bullying se estende para além dos muros da escola, a pesquisa é importante por fornecer informações significativas para que outras instâncias da sociedade possam conhecer outros recursos que podem lançar mão.

Uma outra motivação se fez presente neste estudo - um desejo pessoal que eu, como pesquisadora, tenho de compreender como essas situações de violência estão sendo conduzidas na atualidade e qual o papel que a Dança pode ter nesse processo, posto que eu mesma sofri situações de bullying na escola e reconheço seus efeitos deletérios ainda hoje em mim.

Esse detalhe motivacional tornou cada etapa da pesquisa ainda mais complexa, sobretudo, o contato com os alunos por meio da Dança. As oficinas representaram um misto de alegria e preocupação. Alegria por sentir que a Dança pode ser um elemento muito mais importante do que muitos supõem, mesmo nós profissionais dessa área, e preocupação para buscar o tempo todo me manter dentro dos princípios da ética, de maneira especial buscando a alteridade.

Os resultados obtidos nos dão indicativos de que um trabalho mais sistemático e não apenas pontual se faz necessário urgentemente, e a vivacidade com que os alunos e a aluna vivenciaram as oficinas apontam a Dança como um caminho, uma das muitas direções que se pode seguir. A dança não é um caminho qualquer, diversas pesquisas têm mostrado sua abrangência e efetividade, desde as questões ligadas ao desenvolvimento corporal (Ferrari, 2010) quanto emocional (Valle; Zancan, 2023).

Esses dados e toda a pesquisa realizada, desde o entendimento científico do bullying, passando pela questão dos estigmas, aprofundando mais na adolescência como uma das fases do desenvolvimento humano; autoimagem, o esquema corporal; como é vista a dança na escola e, ainda, a cultura e a Dança hip hop na escola, nos sinalizam, ainda mais, a gravidade das situações de violência e o quão importante é o papel da escola e da Dança nesse processo.

Apesar dos resultados promissores obtidos, destacamos a limitação deste estudo em termos da quantidade de adolescentes ouvidos e o tempo de permanência da pesquisadora na escola, o que nos remete para a necessidade de muitos outros estudos para que possamos compreender ainda mais o bullying e suas consequências e, principalmente, o papel da Dança nesse processo de resgate e de ressignificações das pessoas que vivenciaram algum tipo de violência.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Daniel. **Mais de 1 mil casos de bullying são registrados em escolas de Manaus**. MANAUS: Portal acrítica, 2022.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Editora, Atlas; 2ª edição. 2011.

BASSO, F. M. **Pressupostos teóricos para uma metodologia da dança no ensino fundamental**. Curitiba: *Ciências Biológicas da UFPR*, 2001.

BARDIN L, An-lisedeconte do. Lisboa: Edições70, 2009.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos Cedes**, v. 24, p. 26-43, 2004.

BRASIL. **Lei Nº 13.185 De 06 De Novembro De 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**) Brasília: Presidência da República, [2015]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm#:~:text=Institui%20o%20Programa%20de%20Combate,e m%20todo%20o%20territ%C3%B3rio%20nacional](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm#:~:text=Institui%20o%20Programa%20de%20Combate,e m%20todo%20o%20territ%C3%B3rio%20nacional). Acesso em: 10 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidente Da República, [1996]. Disponível em:

<https://www.dca.fee.unicamp.br/~leopini/consu/reformauniversitaria/ldb.htm>. Acesso em: 13 fev. 2024.

CALDAS, Ana L. **Estigmas, tabu e preconceito são desafios a superar no tratamento da depressão e do bullying**. Brasília. Rádio Nacional. 2017.

COLOMBERO, Rose Mary. **Danças Urbanas: Uma história a ser narrada**. São Paulo: FEUSP, 2011.

CONCEIÇÃO, Karina Paula da et al. **Dançar na educação infantil: inter-relações entre a teoria de Laban e a do brincar da teoria histórico-cultural**. UNICID. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2023.

DAVIM, R. M. B. et al. Adolescente/adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida. **Rev. Rene**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 131-140, abr./jun. 2009.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FANTE, Cleo. **Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campina-SP: Verus, 2005.

FANTE, Cléo. **Brincadeiras perversas**. *Viver Mente e Cérebro*, v. 181, p. 74-79, 2008.

FERRARI, G. B. Por que dança na escola. **Seed, Curitiba, PR**, 2010.

FERREIRA, T. H. S.; Farias, M. A. Silvaes, E. F. M., **ADOLESCÊNCIA ATRAVÉS DOS SÉCULOS**. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília: Abr-Jun 2010.

FONTENELLE, Isleide. **Corpo, mobilidade e a cultura da imagem**. *Psicologia Hospitalar*, v. 4, n. 1, p. 0-0, 2006.

FUKAMACHI, Katiane Holanda et al. **Percepção da autoimagem corporal de adolescentes modelos: dois estudos de caso**. *Psicólogo informação*, v. 14, n. 14, p. 80-101, 2010.

GARCIA, Rafael Marques. **Corpos estigmatizados na Educação Física: distanciamentos e aproximações de um reconhecimento legítimo**. *Revista ponto de vista*. Viçosa: UFV, vol. 2 – 2021.

GIL, Antônio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas na pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2001.

GOFFMAN, ERVING. **Estigmas: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GUATTARI, F., & ROLNIK, S. (1986) **Micropolítica: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes.

BRASIL. **LEI Nº 13.185 DE 06 DE NOVEMBRO DE 2015** Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**) Brasília: Presidência da República, [2015]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm#:~:text=Institui%20o%20Programa%20de%20Combate,e m%20todo%20o%20territ%C3%B3rio%20nacional](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm#:~:text=Institui%20o%20Programa%20de%20Combate,e m%20todo%20o%20territ%C3%B3rio%20nacional). Acesso em: 10 jan. 2024.

LEVISKY, David. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. São Paulo: casa do Psicólogo, 1998.

MAGRO, Viviane M. D. M. **Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop**. São Paulo, Caderno Cedes. p. 63-75. 2002.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. **Metodologia científica**. 5. Ed. 4. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Giancarlo. POLIFONIA BRASILEIRA: UMA LEITURA DE LABAN PLURAL, DE MELINA SCIALOM (2017). **O Mosaico**, 2021.

MARTINS, Maria José D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 18, n. 1, p. 93-115, 2005.

MATHEUS, Tiago Corbisier. Quando a adolescência não depende da puberdade. **Revista latino-americana de psicopatologia fundamental**, v. 11, p. 616-625, 2008.

MAY, T. **Pesquisa social. Questões, métodos e processos**. Porto Alegre, Artmed. 2001.

MINAYO, Maria. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21° edição. São Paulo: Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. In: **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 1992. p. 269-269.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.

MORIN, Edgar, 1921- **Ciência com consciência / Edgar Morin; tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória.** - Ed. revista e modificada pelo autor - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOURÃO, Vilma Maria Gomes Peixoto. **O Adolescer e o amor: nos discursos de mulheres manauaras – Manaus;** Editora Valer, 2021.

MOREIRA, Raquel Ribeiro. "**Meninos do Cense**": as relações de estigmatização, violência e disciplinarização de adolescentes em conflito com a lei internados. Porto Alegre, BR-RS. 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/28773>. Acesso em: 01 fev. 2024

NETO, Lopes Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** J. Pediatra. (Rio de J.). Porto Alegre, v.81, n. 5, 2005.

OLIVEIRA, Ana Paula Conceição. **Movimento Hip Hop: educação em quatro elementos.** Grupo Mel – Mídia/Memória, Educação e Lazer. UFBA. Salvador, 2007.

OLIVIER, Giovanina G. de F. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal I e a corporeidade I** Giovanina Gomes de Freitas Olivier. -Campinas, SP [s n]. 1995.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: what we know and what we can do.** Wiley-blackwell; Illustrated edição. 1993.

POPPER, K. R. Conjecturas e refutações. Brasília: UNB, 1972.

RAMOS, E. S. **O ensino da dança na educação especial sob a perspectiva interdisciplinar.** Revista eletrônica Aboré, v. 4, p. 162-170, 2010.

RIBEIRO, William de Goes. "**nós estamos aqui**": o hip hop e a construção de identidade em espaço de produção de sentido e leituras de mundo. PPGGE. 2008.

RUIZ, J.A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos.** São Paulo: Atlas, 1985. 170p.

ROLIM, José Charles. bullying no ambiente escolar e seus reflexos na aprendizagem das crianças e adolescentes. Paraíba. UFPB. 2016.

SALDANHA, Ana Alayde Werba; OLIVEIRA, Isabel Cristina Vasconcelos de; AZEVEDO, Regina Lígia Wanderlei de. O autoconceito de adolescentes escolares. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 21, p. 9-19, 2011.

SCARPATO, Marta Thiago, DANÇA EDUCATIVA: UM FATO EM ESCOLAS DE SÃO PAULO. Cadernos Cedes, ano XXI, no 58 53, abril/2001

SILVA, J. L. E.; ROMANO, T. A. MASCARENHAS, S. A. N. **O fenômeno bullying como desrespeito à diversidade étnica? Uma investigação no sul do Amazonas.**

revista amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação, v. IV, p. 27-34, 2011.

SILVA, Erislândia Gomes; DE MOURA, Maria Lenúcia. A monitoria da disciplina de história da educação brasileira em tempos de pandemia da Covid-19. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 3, p. 1-8, 2021.

SOBRAL, Fernanda A. da Fonseca. **EDUCAÇÃO PARA A COMPETITIVIDADE OU PARA A CIDADANIA SOCIAL? São Paulo em Perspectiva**, 14(1) 2000 disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/sQMSgXNqXmnJzKv5mngvjmg/?format=pdf&lang=pt>

STRAZZACAPPA, Márcia. Dança na educação: discutindo questões básicas e polêmicas. **Pensar a Prática**, v. 6, p. 73-86, 2003.

TEIXEIRA, Renato Farias – **Movimentos hip hop: educação física e a cultura nas escolas**. UniCEUB. 2017.

VALLE, Flavia Pilla; ZANCAN, Rubiane Falkenberg – **Dança na Escola... Para quê?** Rev. Brasil. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 13, n. 1, e123696, 2023.

VIEIRA, David Ferreira. **Hip Hop Dance**: vocabulário poético e possibilidades de criação. 2018. 62p. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Brasil, Rosa dos Tempos, 2018.

## APÊNDICES

## Apêndice 1 – Plano das oficinas

<b>OFICINAS DE DANÇA HIPHOP</b>
<b>Atividade:</b> Oficinas de Dança hip hop
<b>Período:</b> 30 de novembro a 15 de dezembro 2023
<b>Nº de Oficinas:</b> 4 de dezembro a 14 de dezembro de 2023
<b>Local:</b> CETI Garcitylzo do lago e silva
<b>Instrutor:</b> Camila Castro de Souza
<b>Justificativa:</b> Pretendemos trabalhar os seguimentos da dança hip hop ela é multicultural que proporciona a autoexpressão, autoconfiança, o empoderamento, desenvolvimento de habilidades, por meio dela pode-se agregar muito na vida dos adolescentes escolares, fornecendo uma forma de expressão, fortalecimento da identidade, desenvolvimento em geral, inclusão social e um aprendizado mais rico sobre a história e cultura para pessoas estigmatizadas pelo bullying.
<b>Objetivo Geral:</b> Desenvolver oficinas de dança hip hop em adolescentes estigmatizados pelo bullying com conteúdo histórico, prático e as bases desse estilo, estimulando o pensamento crítico-reflexivo e o fortalecimento do autoconhecimento.
<p><b>Objetivos Específicos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Apresentar o estilo da dança hip hop e suas vertentes como popping, break e o próprio hip hop.</li> <li>➤ Desenvolver práticas autônomas e de criação para que possam montar coreografias seguindo das bases do hip hop</li> <li>➤ Montar uma coreografia juntando tudo que for passado nas oficinas</li> </ul>
<p><b>Conteúdo a serem trabalhados</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Primeiro dia da oficina a introdução do estilo popping e as bases pelo fato do hip hop usar bastante esse estilo, mostrar para os(as) alunos(as) sem antes ter dançado</li> <li>➤ Segundo dia da oficina a introdução de estilo break e as bases, por ser um estilo de bastante impacto e de bastante postura</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Terceiro dia da oficina uma revisão dos estilos já passados e a introdução hip hop e como ele é uma grande influência para se ter autoexpressão e autonomia.</li> <li>➤ Quarto dia da oficina introduzido a pratica do estilo hip hop e conhecendo as movimentações.</li> <li>➤ Quinto dia da oficina deixando-os livres para montar seus movimentos de forma individuais e em grupo, momento importante visando para muito além das oficinas da dança hip hop na escola e sua cultura.</li> <li>➤ Sexto dia de oficina momento dos(as) alunos e processo coreográfico, deixando-os à vontade para lembrar o que aprenderam e fazerem a sequência de movimentos de acordo com seus gostos que aprenderam na oficina.</li> <li>➤ Sétimo dia da oficina momento despedida.</li> </ul>
<p><b>Nº de Oficinas:</b> 07 encontros</p>
<p><b>Metodologia:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Aulas práticas e expositivas</li> <li>➤ Dinâmica</li> <li>➤ Exercícios de assimilação dos conteúdos</li> </ul>
<p><b>Avaliação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Avaliação qualitativa: observação inicial, meio e final</li> <li>➤ Participação e envolvimento</li> </ul>
<p><b>Referências:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ STRAZZACAPPA, Márcia. Dança na educação: discutindo questões básicas e polêmicas. <b>Pensar a Prática</b>, v. 6, p. 73-86, 2003.</li> <li>➤ VIEIRA, David Ferreira. <b>Hip Hop Dance</b>: vocabulário poético e possibilidades de criação. 2018. 62p. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.</li> </ul>

## APÊNDICE 2: Cronograma Das Oficinas

TEMÁTICA	CONTEÚDO	OBJETIVO
DIA 1 - HISTÓRIA DA CULTURA HIP HOP e a DANÇA. PRIMEIRA PARTE DA PESQUISA	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Entrevista em grupo</li> <li>- Contexto histórico</li> <li>- Nome dos criadores</li> <li>- Bounce</li> </ul>	Para os(as) alunos conhecerem a origem do hip hop e quem criou
DIA 2 – SOCIALIZAÇÃO E COMPREENSÃO	- Experienciar a dança hip hop	os alunos com dança e a dança para com os alunos
DIA 3 – ELEMENTOS DO HIP HOP	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O MC</li> <li>- O Rap (música)</li> <li>- O grafite (expressão artística)</li> </ul>	Que os(as) alunos(as) entendam o hip hop vai muito além do que só um estilo de dança
DIA 4 - INFLUENCIAS DA DANÇA	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Breaking</li> <li>- Popping</li> </ul>	Deixá-los livres para montar seus movimentos de forma autônoma, movimentos individuais
DIA 5 – DANÇA HIP HOP NA ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dança na vida escolar</li> <li>- Dança como forte potencia</li> <li>- Hip hop e seus feitos</li> </ul>	Esse momento é um dos mais importante visando para muito além das oficinas
DIA 6 – MOMENTO DOS(AS) ALUNOS e PROCESSO COREOGRÁFICO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tirar dúvidas das oficinas</li> <li>- Relembra os nomes</li> <li>- Experienciar de forma autônoma</li> <li>- Montagem coreográfica</li> </ul>	Deixarei os alunos a vontade para lembrar o que aprenderam e fazerem a sequência de movimentos de acordo com seus gostos que aprenderam na oficina
DIA 7 – APLICANDO A SEGUNDA PARTE DA PESQUISA	- Momento entrevista individual	Entrevista individual sobre o bullying, tema da pesquisa.

## **Apêndice 3 – Entrevista com os adolescentes antes das oficinas**

### ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA REALIZADA COM OS ESTUDANTES ANTES DAS OFICINAS DE DANÇA

1. Identificação pessoal

Nome

Idade

2. Você já teve aula de dança?

3. Você gosta de dançar?

4. Você já ouviu falar de hip hop?

5. Você gosta de algum estilo de dança?

6. O que você espera da oficina?

## **Apêndice 4 – Entrevista com os adolescentes após as oficinas**

### **Perguntas referentes à pesquisa**

- 1) O que você entende pela prática de bullying?
- 2) Você já sofreu bullying?
- 3) Quais os tipos de bullying você presenciou na escola?
- 4) E como as pessoas as reagiram fizeram alguma coisa? (que sofreram)
- 5) O que aconteceu com a pessoa que sofreu bullying?
- 6) O que a escola fez por essa pessoa?
- 7) Teve alguma ação ou palestras que a escola fez ou faz?
- 8) E os professores como lidam com essas questões?
- 9) Quais foram os seus sentimentos fazendo oficina?
- 10) Como você se sentiu com a dança em relação a você e a dança?
- 11) O que a dança significa para você?
- 12) E o hip hop o que significa?
- 13) O que a oficina trouxe para você?

## Apêndice 5 TCLE: Termo de consentimento livre esclarecido - dos pais ou responsáveis



Universidade do Estado do Amazonas  
Escola Superior de Artes e Turismo  
Curso de Licenciatura em Dança – 2023

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS

Eu, \_\_\_\_\_, idade: \_\_\_\_\_ anos,  
Endereço: \_\_\_\_\_,

\_\_\_\_\_, responsável pelo(a) adolescente \_\_\_\_\_, na qualidade de \_\_\_\_\_, fui esclarecido(a) sobre o trabalho de pesquisa intitulado: **Cultura hip-hop e espaço escolar: ressignificando a autopercepção de adolescentes estigmatizados pelo bullying em uma escola de tempo integral**, a ser desenvolvido pela acadêmica do curso de Dança Camila Castro de Souza sob orientação da(o) Profa. Dra. Vilma Maria Gomes Peixoto Mourão, da Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

Estou ciente que a acadêmica, sob supervisão de sua orientadora, acima referida, realizará nove encontros com os adolescentes, que serão em grupo e, para pesquisar como a cultura hip hop, em especial a Dança, pode favorecer um fortalecimento do autoconceito e conseqüentemente uma atenuação dos efeitos ocasionados pelas situações de bullying entre adolescentes de uma escola de tempo integral na cidade de Manaus, bem como as repercussões dessa prática em seus cotidianos, e poderá contribuir socialmente para que se reconheça a importância da Dança na vida escolar.

A acadêmica e sua orientadora farão o possível para que sua presença não afete a rotina da turma e combinarão com os professores as medidas a serem tomadas para prevenir alterações no comportamento dos adolescentes. Da mesma forma, se comprometem a respeitar as normas higiênicas da instituição quando entrarem nas suas dependências, para evitar riscos à saúde dos adolescentes.

Este estudo é de caráter puramente científico, assim os resultados serão utilizados somente como dados da pesquisa, e o nome das famílias, adolescentes e professoras envolvidas não será divulgado. Estou ciente que,



Escola Superior de Artes e Turismo  
Rua Leonardo Malcher, Nº 1728, Praça 14 de Janeiro,  
CEP: 69020-070 / Manaus-AM  
www.uea.edu.br



se em qualquer momento me sentir desconfortável com a realização da pesquisa poderei retirar este consentimento sem qualquer prejuízo para mim ou para o(a) adolescente. Fui esclarecido(a) também que, no momento em que eu desejar maiores informações sobre esta pesquisa, mesmo após sua publicação, poderei obtê-las entrando em contato com (a) acadêmico (a) ou a seu orientador(a), nos seguintes telefones e/ou endereço: ccds.dan20@uea.edu.br (acadêmica), telefone:(92) 984841641; vmourao@uea.edu.br (orientadora), telefone: (92) 99951-8310.

Sendo a participação de todos os adolescentes totalmente voluntária, estou ciente de que não terei direito a remuneração. Também fui esclarecida(o) de que, se tiver alguma dúvida, questionamento, ou reclamação, poderei me comunicar tanto com a acadêmica quanto sua orientadora.

Por estar de acordo com a participação do(a) adolescente pela qual sou responsável, assino este termo em duas vias, sendo que uma ficará em meu poder e a outra será entregue aos pesquisadores.

Autorizo a participação do(a) adolescente pela qual sou responsável.

Manaus, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023

Assinatura (de acordo)

Os pesquisadores, abaixo-assinados, se comprometem a tomar os cuidados e a respeitar as condições estipuladas neste termo.

(professora orientadora)

(acadêmica)



Escola Superior de Artes e Turismo  
Rua Leonardo Malcher, Nº 1728, Praça 14 de Janeiro,  
CEP: 69020-070 / Manaus-AM  
www.uea.edu.br

## APÊNDICE 6 -TCLE: Termo de consentimento livre esclarecido dos(as) adolescentes



GOVERNO DO ESTADO DO  
**AMAZONAS**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos, por meio deste, \_\_\_\_\_ para participar da pesquisa: Cultura hip-hop e espaço escolar: ressignificando a autopercepção de adolescentes estigmatizados(as) pelo bullying em uma escola de tempo integral, sob a responsabilidade da pesquisadora **Vilma Maria Gomes Peixoto Mourão** a qual pretende compreender sobre o bullying e a ressignificação da autopercepção de adolescentes do 6.º ano do ensino fundamental a partir de oficinas de dança com a cultura hip-hop em uma escola de tempo integral da zona oeste, na cidade de Manaus.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada. Caso ocorra algum desconforto durante a pesquisa, ela será suspensa e se houver necessidade de atendimento psicológico será feito um encaminhamento para o Projeto Bem Viver da Escola Superior de Artes e Turismo – ESAT da UEA.

Se depois de consentir com sua participação você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato as pesquisadoras da pesquisa cultura hip-hop e espaço escolar: ressignificando a autopercepção de adolescentes estigmatizados(as) pelo bullying em uma escola de tempo integral por meio da pesquisadora assistente CAMILA CASTRO DE SOUZA, no endereço Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT, no curso de Dança, avenida Leonardo Malcher, 1728 – Bairro Praça 14 de Janeiro – CEP 69010-170 ou pelo e-mail: ccscsd.dan20@uea.edu.br, poderá entrar em contato também com a pesquisadora

responsável Vilma Maria Gomes Peixoto Mourão na ESAT, no mesmo endereço acima citado ou pelo e-mail: vmourao@uea.edu.br.

### CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) sobre o que as pesquisadoras querem fazer e porque precisam da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair da pesquisa quando eu quiser.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma de nós.

Manaus, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 202\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável



Universidade do Estado do Amazonas  
Av. Djalma Batista, 3578 – Flores  
CEP: 69050-010 / Manaus – AM

## FIGURAS

- Figura 1 – grupo assistindo o vídeo “bullying na escola”



- Figura 2 - Montagem da coreografia



- Figura 3 - Ensaïando break



- Figura 4 - Ensaïando hip hop

